



MACABÉA

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI
ISSN 2316-1663

VOLUME 9, NÚMERO 4 | OUT-DEZ 2020

A VIDA (NADA) NORMAL: *ELIETE*, DE DULCE MARIA CARDOSO



THE LIFE (NOT) NORMAL: *ELIETE*, BY DULCE MARIA CARDOSO

GABRIELA CRISTINA BORBOREMA BOZZO
UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ, BRASIL

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA
RECEBIDO EM 03/07/2020 • APROVADO EM 08/08/2020

Abstract

The review investigates the normalization of the absurd in the history of the *corpus* and the relationship between it and its epigraph. The object of study in question is the novel by Dulce Maria Cardoso, ***Eliete: a vida normal***, subtitle that we verified as part of a frequent ironic game in the literary production of the contemporary Portuguese writer. The epigraph is written by Dulce María Loynaz, an important figure in Cuban and Western poetry. The relationships established between the novel and the epigraph were based on the current interpretation of both, as well as in an interview with the author. Finally, the reading of the novel and its structural particularities was guided by Gérard Genette's **O discurso da narrativa** and Benedito Nunes's **O tempo na narrativa**.

Resumo

A resenha averigua a normalização do absurdo na história do *corpus* e a relação entre esse e sua epígrafe. O objeto de estudo em pauta é o romance de Dulce Maria Cardoso, ***Eliete: a vida normal***, subtítulo que verificamos como parte de um jogo irônico frequente na produção literária da escritora portuguesa

contemporânea. Já a epígrafe é de autoria de Dulce María Loynaz, importante figura na poesia cubana e ocidental. As relações estabelecidas entre o romance e a epígrafe foram pautadas na interpretação vigente de ambas, bem como em entrevista com a autora. Por fim, a leitura do romance e de suas particularidades estruturais foi pautada em **O discurso da narrativa**, de Gérard Genette e **O tempo na narrativa**, de Benedito Nunes.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Dulce Maria Cardoso. Eliete: a vida normal. Epigraph. Dulce María Loynaz.

PALAVRAS-CHAVE: Dulce Maria Cardoso. Eliete: a vida normal. Epígrafe. Dulce María Loynaz.

Texto integral

1. A EDIÇÃO

Eliete: a vida normal (2018) é um romance de Dulce Maria Cardoso de 285 páginas, publicado em 2018 em Lisboa pela editora portuguesa Tinta da China. Não há publicação brasileira do livro, sendo possível encontrá-lo somente em livrarias internacionais. O volume figura apenas a primeira parte da história.

2. A HISTÓRIA DO ROMANCE

O romance se passa no ano de 2016 e, nele, Eliete narra a sua vida: uma mulher de quarenta e dois anos, corretora de imóveis, que vive com Jorge e suas duas filhas, Márcia e Inês. Apesar de não serem oficialmente casados, mantém uma relação conjugal – mesmo que só nas redes sociais –, mas há sérios problemas na relação. Não há comunicação efetiva entre as personagens, que têm vida sexual ativa programada: somente às sextas-feiras.

O discurso romanescos inicia-se quando Eliete levava, juntamente a sua mãe, a avó paterna ao hospital após uma queda. Dona Lurdes, após sair do hospital, vai passar um tempo na casa de Eliete por sugestão de seu cônjuge, Jorge, mas ele deixa claro que essa situação perdurará por apenas alguns dias. A tristeza de ver a avó deteriorando dia a dia devido ao Alzheimer e a distância na relação entre ela e Jorge corroboram na decisão da personagem de se tornar adúltera.

A protagonista inicia essa jornada criando a Monica, personagem cujo rosto é de uma australiana aleatória do *Facebook* e corpo é o de Eliete, que inicialmente apenas com conversas picantes no *Tinder* com diversos homens. Após um período, arrisca um encontro presencial com Carlos, mas ele, apesar de comparecer, não vai até ela e exclui a interação deles do aplicativo. Decepcionada, Eliete faz Monica renascer e, dessa vez, Monica tem seu rosto e seu corpo. Encontra-se com diversos homens, mas são todas relações apenas casuais e sexuais, sem envolvimento romântico.

Nesse interim, a avó de Eliete vai morar em um lar, ou seja, uma casa de repouso, e Eliete beija o filho dos donos. O beijo, que acontece antes dos encontros casuais da personagem, transforma Duarte em seu admirador que faz sempre questão de demonstrar cuidado e simpatia para com Eliete. A personagem, que visita a avó todos os dias, chega em um deles no local e Duarte lhe conta que a avó disse que o homem da televisão era seu marido. O homem em questão era Salazar e Duarte brinca com a possibilidade de ela ser neta do ex-ditador de Portugal. No clima de brincadeira, Duarte aproveita e a convida para um jantar a dois, mas ela recusa o convite porque tem a festa de Halloween da empresa, na qual comparecerá com Jorge. Contudo, quando ela chega em casa, o parceiro está de roupão assistindo à televisão e decidiu não ir à festa, como sempre fazia. Eliete, então, diz que vai sozinha à comemoração, mas mente, pois aceita o convite de Duarte. Quando se vê no espelho do banheiro, antes de sair de casa, Eliete reconhece pela primeira vez em muito tempo seus atributos (que vão além do físico, envolvendo idade e comportamento) e uma chama de amor próprio se acende. No encontro, falam sobre tudo e Eliete sente que o conhece há muito. Após uma divertida fogueira na praia com vários desconhecidos, eles se beijam no estacionamento.

Eliete, que tinha casos e não amantes até então, se vê envolvida em uma situação romântica. Após o evento, eles se encontram algumas vezes e mantém contato diário pelo celular. Eliete chega a desistir dos encontros casuais. Contudo, por falta de autoconhecimento e autopercepção, a personagem não entende o que se passa consigo, o que sente por Duarte. Decide pedir ajuda à amiga Milena, mas desiste quando a vê, porque se lembra que a família perfeita é a única coisa que ela tem e Milena não, uma vez que essa última é uma advogada muito bem-sucedida.

Um dia, Eliete está na casa da avó a espera de Duarte – lá era seu local de encontro – e, por acaso, pega uma das santas no altar da avó e vê que ela tem uma rosca. Ao desenroscar, depara-se com uma carta muito antiga de Salazar para o pai de Eliete já falecido, Antônio, declarando que era seu pai. O avô de Eliete era mesmo Salazar. O romance – ou seja, a primeira parte da história – termina nessa cena.

3. UMA PERSPECTIVA CRÍTICA

A priori, é interessante notar o subtítulo do romance: “a vida normal”. Normal para quem? Adulterio, relacionamento sem comunicação e espontaneidade, mentiras, aparências e traições. Infelizmente, normal para todos nós. Normalizamos o absurdo e o transformamos em aspectos da vida, o famoso “faz parte”. Até aí, interpretamos o subtítulo como uma crítica. Mas há, também, o aspecto irônico dele: não é normal descobrir que se é neta do ex-ditador do seu país. É uma situação, no mínimo, atípica. Essas ironias, contudo, fazem parte dos jogos linguísticos da escritora, nesse e nos seus outros romances, bem como a crítica a aspectos das nossas vidas.

Além disso, a narrativa primeira – 2016 – dá espaço constantemente às histórias da infância e adolescência de Eliete, que conta a humilhação que ela e a mãe sofreram por morarem na casa da avó, mãe de seu pai, por muitos anos, mesmo após a morte dele, por questões financeiras. Mostra também o quanto Eliete se

sentia mediana em tudo – aparência, personalidade, inteligência e comportamentos – desde a infância até a vida adulta, quadro que só muda na noite da festa de Halloween. Talvez more aí mais uma ironia da escritora: a vida normal do subtítulo é, na verdade, uma referência à mediocridade que Eliete enxerga, durante toda sua vida até o momento supracitado da narrativa primeira, em si mesma. É importante destacar que apesar de ser uma jornada coberta de mentiras, é na vida adúltera que Eliete encontra mais sobre si: seus gostos, seus (des)prazeres, sua dor e seu amor próprio.

As analepses são impecavelmente construídas no romance, e surgem como lapsos de memória da narradora-protagonista, que se recorda das situações passadas durante uma situação presente, após um gatilho que ativa sua memória prévia. Acompanhamos, dessa forma, o fluxo de consciência da personagem, o vai-e-vem da sua mente entre os tempos da sua vida. Assim, o salto temporal é inteligentemente construído na narrativa, fazendo o leitor viajar entre os tempos da vida da narradora-protagonista juntamente com ela.

4. O JOGO DA EPÍGRAFE

Por fim, convém destacar a relação entre a história do livro e sua epígrafe. A epígrafe de **Eliete: a vida normal** é “Y no sabe morir ni vivir: Y no sabe / que el mañana es tan sólo el hoy muerto” (LOYNAZ *apud* CARDOSO, 2018, p. 9), retirada do poema “El amor indeciso”, de Dulce María Loynaz.

Destaquemos, brevemente, o fato de que cada um dos cinco romances de Dulce Maria Cardoso apresenta ou um conceito (caso exclusivo de **Campo de sangue**) ou uma epígrafe, todos da autora Dulce María Loynaz. Cardoso (2015, p. 350) explica em entrevista esse fato:

A Dulce María Loynaz é uma poeta (ou poetisa, nunca sei como se diz) que chegou a ganhar o Cervantes. Não é uma autora obscura. Uma vez ouvi uma entrevista em que ela dizia que o nome dela não era Dulce María, era María Mercês, e que escolheu Dulce María numa homenagem à Virgem. Mais adiante, a jornalista perguntava-lhe o que é que ela lamentava mais na morte e ela dizia que a única coisa que lamentava era perder o nome. Achei aquilo extraordinário. Eu tinha um nome a que não ligava nada e aquela senhora tinha-se rebaptizado e a única coisa que lamentava era perder o nome. Então eu disse: “Fazemos um acordo: se eu publicar, nunca te deixarei perder o nome.” Por isso, todos os meus livros têm alguma coisa dela.

Esse jogo que Cardoso criou com Loynaz dá espaço a um estudo sobre a rica relação entre o conceito e as epígrafes selecionados por Cardoso e seus romances. É essa relação que pretendemos averiguar.

Cabe apresentar brevemente Loynaz (1902-1997): ela foi uma escritora cubana, considerada uma das principais figuras da lírica não só cubana, mas universal. Como exemplo, a autora conquistou, em 1992, o Prêmio Miguel de Cervantes. Apesar de seu prestígio internacional, quase não há traduções portuguesas de sua produção literária no Brasil.

Assim, observa-se que a relação entre a epígrafe e o romance está no amor indeciso que nomeia o poema: é o amor de Eliete por si. Quando, no trecho da epígrafe, Loynaz afirma “Y no sabe / que el mañana es tan sólo el hoy muerto” (LOYNAZ *apud* CARDOSO, 2018, p. 9), temos Cardoso adiantando o fato de que o amor próprio de Eliete desconhece que o seu amanhã será tão só quanto o seu hoje é morto. No romance, temos Eliete, que está numa relação infeliz, mas que, ao invés de emancipar-se desse compromisso, escolhe envolver-se sexualmente com desconhecidos e depois romanticamente com Duarte. Ou seja: a narradora-protagonista escolhe postergar decisões sobre o amanhã e remediar suas dores imediatas. Tanto é que ela afirma que não quer uma vida diferente e por isso tem casos e não amantes, isso até sair com Duarte:

A divisão entre caso e amante que o cobarde do encontro do paredão me ensinara não tinha utilidade em relação ao Duarte. Ele não era nem uma coisa nem outra. Não se assemelhava aos meus casos, aos meus engates do Tinder, mas também não era um amante, a promessa de uma outra vida, até porque eu não queria ter outra vida. Eu estava a tentar recuperar a minha, como, de tantos em tantos anos, se recuperam as casas, queria acrescentar-lhe beleza e conforto para me ser mais fácil habitá-la. (CARDOSO, 2018, p. 268).

No trecho acima a narradora-protagonista afirma estar tentando recuperar a sua vida, mas não é o que nos conta: ao invés de propor uma conversa séria a Jorge, seu cônjuge, incluindo intervenções possíveis como terapia de casal ou *hobbies* juntos, Eliete decide relacionar-se sexualmente e depois romanticamente com outros homens. Esse seu enganar-se em relação ao futuro talvez tenha a ver com o fato de Eliete ser uma mulher que se desconhece: “Raramente conseguia identificar o que me fazia falta ou o que estava naus na minha vida.” (CARDOSO, 2018, p. 265).

Portanto, **Eliete: a vida normal**, o último romance de Dulce Maria Cardoso, ao mesmo tempo que leva o leitor para as experiências de Eliete com ela, constituindo um movimento do drama puro aristotélico, ele também afasta o leitor do enredo e o faz refletir sobre o mundo a sua volta, aspecto do teatro épico.

Referências

CARDOSO, D. M. **Eliete: a vida normal**. Lisboa: Tinta da China, 2018.

____. Entrevista a Carlos Vaz Marques. **As palavras não se afogam ao atravessar o atlântico**. Rio de Janeiro: Tinta da China, 2015.

GENETTE, G. **Discurso da narrativa**. Trad. Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega, 1986.

NUNES, B. **O tempo na narrativa**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

SZONDI, P. **Teoria do drama moderno (1880-1950)**. São Paulo: Cosac&Naify, 2011.

Para citar este artigo

BOZZO, G. C. B. A vida (nada) normal: Eliete, de Dulce Maria Cardoso. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 9, n. 4, 2020, p. 898-903.

A Autora

GABRIELA CRISTINA BORBOREMA BOZZO é bacharela e licenciada em Letras (UNESP, 2017) e mestra em Estudos Literários (UNESP, 2019).